

Que o mundo todo saiba que o Sul também existe | Carta semanal 4 (2022)





Shefa Salem (Líbia), *Vida*, 2019.

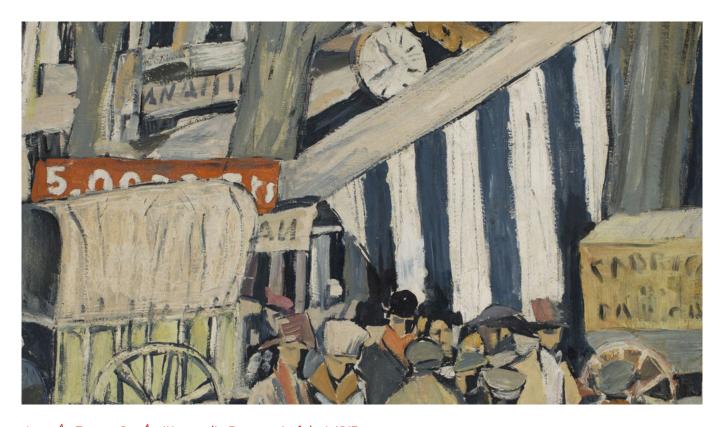
Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.



Em 19 de janeiro de 2022, o presidente dos EUA, Joe Biden, realizou uma entrevista coletiva na Sala Leste da Casa Branca em Washington. A discussão variou desde o fracasso de Biden em aprovar uma conta de investimento de 1,75 trilhão de dólares (resultado da deserção de dois democratas) até o aumento das tensões entre os Estados Unidos e a Rússia. De acordo com uma **pesquisa recente da NBC**, 54% dos adultos nos Estados Unidos desaprovam sua presidência e 71% sentem que o país está indo na direção errada.

As divisões políticas e culturais que se ampliaram durante os anos Trump continuam a infligir um pesado fardo à sociedade dos EUA, inclusive sobre a capacidade do governo de controlar a pandemia de Covid-19. Protocolos básicos para evitar infecções não são seguidos universalmente. A desinformação relacionada ao Covid-19 se espalhou tão rapidamente quanto o vírus nos Estados Unidos, onde um grande número de pessoas **acredita** em inverdades: por exemplo, que mulheres grávidas não devem tomar a vacina, que a vacina promove a infertilidade e que o governo está ocultando os dados sobre as mortes causadas pelos imunizantes.

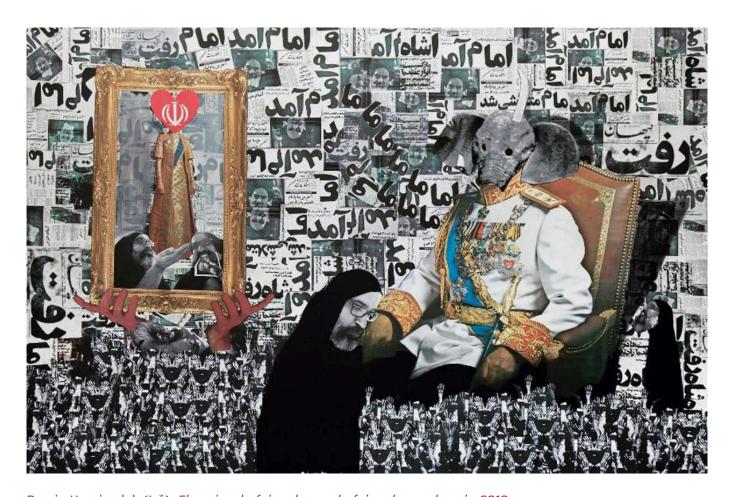


Joaquîn Torres-Garcîa (Uruguai), Barraca (a feira), 1917.

Na coletiva de imprensa, Biden fez uma observação sincera sobre a Doutrina Monroe (1823), que trata o hemisfério americano como o "quintal" dos Estados Unidos. "Não é o quintal da América", disse Biden. "Tudo ao sul da fronteira mexicana é o jardim da frente da América". Os Estados Unidos continuam a pensar em todo o hemisfério, do Cabo Horn ao Rio Grande, não como território soberano, mas, de uma forma ou de outra, como seu "quintal". Pouco significou que Biden desse continuidade dizendo: "somos pessoas iguais", já que a metáfora que ele usou – o jardim – indicava a atitude proprietária com a qual os Estados Unidos operam nas Américas e no resto do mundo. É essa atitude proprietária que inflama o conflito não apenas nas Américas (com epicentros em Cuba e Venezuela), mas também na Eurásia.



As negociações estão em andamento em Genebra e Viena para diminuir o conflito imposto pelos Estados Unidos e seus aliados contra o Irã e a Rússia. As tentativas dos EUA de reinserir o Plano de Ação Abrangente Conjunto (JCPOA, na sigla em inglês) sobre o programa nuclear do Irã e dominar a Europa Oriental até agora não deram frutos. As negociações persistem, mas ambas estão prejudicadas pela adoção contínua pelo governo dos EUA de uma narrativa sobre o mundo que tem como premissa sua hegemonia e uma rejeição da disposição multipolar que começou a aparecer.



Ramin Haerizadeh (Ira), *Ele veio, ele foi embora, ele foi embora, ele veio*, 2010.

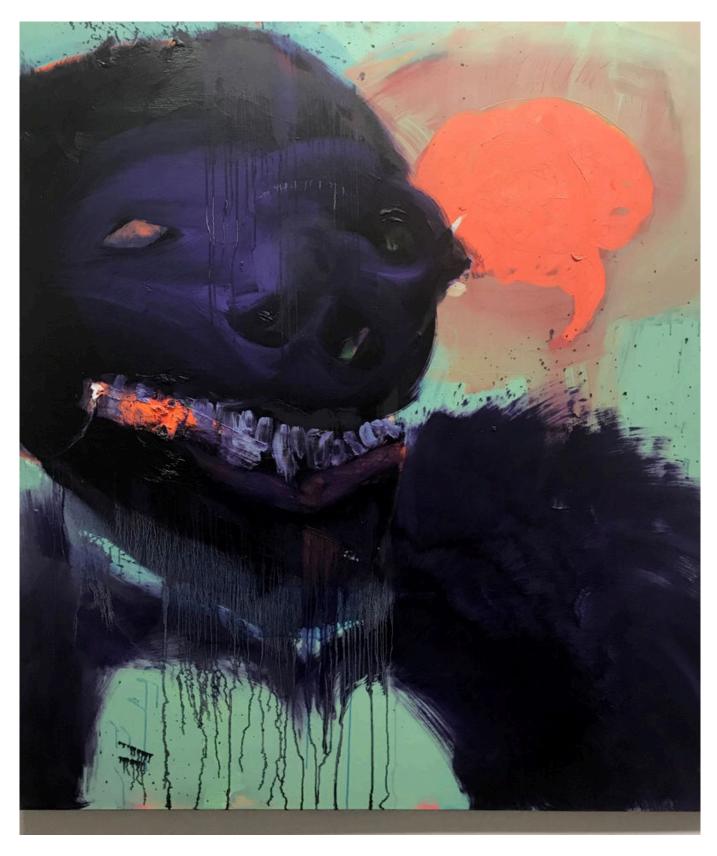
As primeiras indicações na oitava rodada das negociações do JCPOA, em Viena, iniciadas em 27 de dezembro de 2021, sugeriram que haveria pouco avanço. Os Estados Unidos chegaram com a atitude de que o Irã não era confiável, quando na verdade foram os Estados Unidos que saíram do JCPOA em 2018 (depois de certificar duas vezes em 2017 que o Irã havia de fato cumprido o acordo). Essa atitude veio ao lado de um falso senso de urgência do governo Biden para apressar o processo.

Os EUA querem que o Irã faça mais concessões, apesar de o acordo inicial ter sido negociado ao longo de 20 longos meses e apesar do fato de nenhuma das outras partes estar disposta a reabrir o acordo para satisfazer os



Estados Unidos e seu parceiro externo, Israel. O negociador russo **Mikhail Ulyanov disse** que não há necessidade de "prazos artificiais", um indicador da crescente proximidade entre Irã e Rússia. Os laços entre os dois Estados foram fortalecidos por sua oposição compartilhada à tentativa fracassada dos Estados árabes do Golfo, Turquia e Ocidente de derrubar o governo sírio, particularmente desde a intervenção militar russa na Síria em 2015.





Aneta Kajzer (Alemanha), *Não tenho cérebro, baby*, 2017.



Ainda mais perigosa que a atitude hostil dos EUA em relação ao Irã é sua política em relação à Rússia e à Ucrânia, onde as tropas estão prontas e a retórica da guerra se tornou mais estridente. O cerne desse conflito gira em torno da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em direção à fronteira russa, violando o acordo firmado entre os Estados Unidos e a União Soviética de que a Otan não ultrapassaria a fronteira oriental da Alemanha. A Ucrânia é o epicentro do conflito, embora mesmo aqui o debate não esteja claro. A Alemanha e a França disseram que não aceitariam a inclusão da Ucrânia na Otan e, uma vez que a adesão à Otan exige consenso, é impossível para a Ucrânia aderir à organização neste momento. O cerne do desacordo é sobre como essas várias partes entendem a situação na Ucrânia.

Os russos afirmam que os EUA fomentaram um golpe em 2014 e levaram nacionalistas de direita – incluindo elementos pró-fascistas – ao poder, e que esses setores são parte de uma manobra ocidental para ameaçar a Rússia com sistemas de armas da Otan e com forças dos países da Otan dentro da Ucrânia, enquanto o Ocidente afirma que a Rússia deseja anexar o leste da Ucrânia. Os russos pediram à Otan que fornecesse uma garantia por escrito de que a Ucrânia não será autorizada a aderir à aliança militar como pré-condição para futuras negociações; a Otan hesitou.

Quando o chefe da marinha alemã e vice-almirante **Kay-Achim Schönbach disse** em Delhi que o russo Vladimir Putin merece "respeito" dos líderes ocidentais, ele teve que renunciar. Não fazia diferença que os comentários de Schönbach fossem baseados na noção de que o Ocidente precisava da Rússia para combater a China – apenas o desrespeito e a subordinação da Rússia são aceitáveis. Essa é a visão ocidental nas negociações de Genebra, que continuarão, mas provavelmente não darão frutos enquanto os Estados Unidos e seus aliados acreditarem que outras potências devem entregar sua soberania a uma ordem mundial liderada pelos EUA.





Olga Chernysheva (Rússia), Pessoas gentis, 2004.

O movimento da história sugere que os dias do sistema mundial dominado pelos EUA estão contados. É por isso que intitulamos nosso dossiê n.36 (janeiro de 2021) *Crepúsculo: a erosão do controle dos EUA e o futuro multipolar*. Em *Construiremos o futuro: um plano para salvar o planeta* (janeiro de 2022), produzido em conjunto com 26 institutos de pesquisa de todo o mundo, apresentamos os dez pontos a seguir para um sistema mundial reestruturado e mais democrático:

- 1. Afirmar a importância da Carta das Nações Unidas (1945).
- 2. Insistir para que os Estados membros das Nações Unidas assinam a Carta, incluindo seus requisitos específicos sobre o uso de sanções e força (capítulos VI e VII).
- 3. Reconsiderar o poder de monopólio exercido pelo Conselho de Segurança da ONU sobre decisões que afetam grande parte do sistema multilateral; envolver a Assembleia Geral da ONU em um diálogo sério sobre a democracia dentro da ordem global.
- 4. Insistir para que os órgãos multilaterais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) formulem políticas de acordo com a Carta da ONU e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); proibir qualquer política que aumente a pobreza, a fome, a falta de moradia e o analfabetismo.
- 5. Afirmar a centralidade do sistema multilateral sobre as áreas-chave de segurança, política comercial e regulamentação financeira, reconhecendo que órgãos regionais como a Otan e instituições paroquiais como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) suplantaram as Nações Unidas e seus agências (como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) na formulação dessas políticas.



- 6. Formular políticas para fortalecer os mecanismos regionais e aprofundar a integração dos países em desenvolvimento.
- 7. Impedir o uso do paradigma de segurança notadamente, contraterrorismo e antinarcóticos para enfrentar os desafios sociais do mundo.
- 8. Limitar os gastos bélicos e militares; assegurar que o espaço exterior seja desmilitarizado.
- 9. Converter os recursos gastos na produção de armas em financiamento de produções socialmente benéficas.
- 10. Garantir que todos os direitos estejam disponíveis para todos os povos, não apenas para aqueles que são cidadãos de um determinado Estado; esses direitos devem se aplicar a todas as comunidades até então marginalizadas, como mulheres, povos indígenas, pessoas não brancas, migrantes, pessoas indocumentadas, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIA+, castas oprimidas e pobres.

A adesão a esses dez pontos ajudaria na resolução dessas crises no Irã e na Ucrânia.

O fracasso em avançar é resultado da atitude arrogante de Washington em relação ao mundo. Durante a coletiva de imprensa de Biden, ele falou com Putin sobre os perigos de uma guerra nuclear, **dizendo que Putin** "não está em uma posição muito boa para dominar o mundo". Apenas os Estados Unidos, ele insinuou, estão em boa posição para fazer isso. "Você tem que se preocupar quando você tem, sabe, uma invasão de uma potência nuclear [...] se ele invadir – [o que] não acontece desde a Segunda Guerra Mundial", disse Biden. Uma potência nuclear invadindo um país não acontece desde a Segunda Guerra Mundial? Os Estados Unidos são uma potência nuclear e invadiram continuamente países em todo o mundo, do Vietnã a Granada, passando por Panamá, Afeganistão e Iraque – uma **guerra ilegal** na qual Biden votou. É essa abordagem arrogante do mundo e da Carta da ONU que coloca nosso **mundo em perigo**.





Ouvindo Biden, lembrei-me do poema de Mario Benedetti, de 1985, *El sur también existe* ("O Sul Também Existe"), um dos favoritos de Hugo Chávez. Aqui estão dois de seus versos:

Com seu cerimonial de aço suas grandes chaminés seus sábios clandestinos



seus discursos grandiloquentes seus céus de néon suas vendas natalinas seu culto ao deus pai e aos galardões com suas chaves do reino o norte é quem ordena

. . .

mas aqui embaixo, embaixo perto das raízes é onde a memória nenhuma lembrança omite e há os que se desmorrem e há os que se desvivem e assim entre todos se consegue o que era um impossível que todo o mundo saiba que o sul também existe

Cordialmente,

Vijay.